



CASTRO, Moacyr. Andorinhas x maestro. Correio Popular, Campinas, 26 jan. 2002.

BATE-PAPO

MOACYR CASTRO



Andorinhas X maestro

Carlos Gomes ganhava fácil a disputa pelo novo símbolo de Campinas. Mas eis que entra em cena a força da sensibilidade de uma daquelas mestras insuperáveis, Quinita Ribeiro Sampaio de Melo Serrano, em defesa das andorinhas, para ela, símbolo infinito desta vilipendiada terra. São argumentos dignos de quem não nasceu para convencer, mas para ensinar – posto que quem convence, muita vez, não ensina, só engana. Ou seduz. Mas nossa Quinita é professora e professora não engana.

Primeiro, ela achou no psicanalista francês J.B. Pontalis os argumentos em defesa das andorinhas (classe é classe): “Passamos a enxergar melhor quando deixamos de ver. Por isso, das andorinhas não nos esquecemos. O invisível não é a negação do visível: está nele, freqüenta-o, é seu horizonte e seu começo. Quando a perda está na visão, ela deixa de ser um luto interminável”.

E arremata com a manifestação sempre citada, mas pouco divulgada, de Ruy Barbosa, As Andorinhas de Campinas:

“Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já vêm surdindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam, e se recruzam; já se encontram e circulam; já se condensam e escurecem. Eram um grupo, e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, como os movimentos de uma grande vaga sombria pontuada de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta, rumorejante, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casarão, e ao cabo arfando, e remoinhando, turbilhonando e restrugindo, com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas de milhares, pendem, mergulham, e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, por sob o largo telheiro abandonado, que essa aérea multidão erradia elegeu entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.”

Pregado no poste: “Quem ensina vale mais”.